



TEXTOS E VERSÕES

SE AS PAIXÕES DA ALMA SÃO PIORES QUE AS DO CORPO, DE PLUTARCO¹

Maria Aparecida de Oliveira Silva

Tradução, introdução e notas

Pesquisadora do Grupo Heródoto/Unifesp e do Grupo

Taphos – MAE/USP

RESUMO

Tradução anotada do tratado **Se as Paixões da Alma são Piores que as do Corpo**, de Plutarco, antecedida por introdução.

Palavras-chave: Plutarco, Tradução, Paixões da Alma.

ABSTRACT

*Translation, Introduction and notes to the Plutarch's treatise **Whether Affections of the Soul are Worse than Those of the Body**.*

Keywords: Plutarch, Translation, Affections of the Soul.

1 NE. Este texto foi gentilmente elaborado para a revista. Agradecemos de coração à autora por reservar tempo em sua agenda agitada para nos brindar com este trabalho.

INTRODUÇÃO

Os tratados plutarquianos destacam-se pelo seu caráter propedêutico ao pensamento filosófico. Em geral, são escritos breves que tratam de um tema que não é explorado apenas sobre o ponto de vista conceitual e filosófico, mas também sob uma perspectiva prática e realista. Há neles a preocupação de nosso autor com o aspecto prático da filosofia, com a demonstração de que o pensamento filosófico capacita o ser humano à reflexão crítica, a ter uma visão mais aprofundada de seu ser e estar no mundo. Desde o surgimento dos primeiros fragmentos filosóficos dos conhecidos pré-socráticos até as obras de Platão, primeiro os helenos se voltaram para questões cosmogônicas, por isso serem conhecidos como os físicos, de φύσις (phýsis), ou natureza. Já no

período clássico, as reflexões filosóficas estão mais voltadas para o cidadão e a cidade, quando se pensa a virtude humana como uma extensão da cidade onde cidadãos virtuosos equivalem a uma cidade virtuosa.

O interesse pelos estudos filosóficos à época de Plutarco, a julgar pelas palavras de Petrônio, tornara-se um hábito que estava abandonado e substituído pela retórica:

Os pais merecem repreensão, eles que não querem que seus filhos progridam sob severa disciplina. Em primeiro lugar, como sempre, abrem mão de sua esperança em favor da ambição. Depois, em sua ânsia de ver os desejos realizados, lançam no fórum essas inclinações ainda imaturas, atribuindo aos jovens uma eloquência que eles proclamam ser maior que tudo. Se os pais aceitassem que os estudos fossem se sucedendo gradativamente, de forma que os jovens formassem seus espíritos segundo os ensinamentos da filosofia, de forma que, à custa de um estilo rigoroso, extraíssem as palavras, de forma que eles ouvissem longamente aquilo que quisessem imitar, de forma que os convencessem de que nada há de magnífico no que agrada aos jovens, logo aquela oratória retomaria o peso de sua majestade. (SATÍRICON, I, 4)²

A partir desse trecho, depreende-se que a oratória praticada no período de Plutarco e de Petrônio não revela a mesma maestria da época de Cícero pela filosofia não despertar o interesse dos jovens, que preferem o aprendizado da oratória. E, segundo se verifica nas reflexões de Petrônio, o aprendizado da retórica deveria secundar o da filosofia, para que perdesse a superficialidade de seu tempo. O discurso de Petrônio alinha-se ao de Plutarco, que também defende o aprendizado da filosofia em seus escritos com várias demonstrações dos benefícios de seu estudo. Portanto, notamos que Plutarco estabelece uma reflexão que dialoga com os antigos filósofos da Hélade, sem desconsiderar o olhar de seu tempo.

DO TRATADO

Πότερον τὰ τῆς ψυχῆς ἢ τὰ τοῦ σώματος πάθη χείρονα ou *Animine an corporis affectiones sint peiores*, ora traduzido por **Se as paixões da alma são piores que as do corpo**, é o tratado nº 208 no Catálogo de Lâmprias e nº 34 no de Máximo Planudes. Quanto à datação, não dispomos de dados precisos, apenas das informações de Jones que data a maioria dos escritos de Plutarco a partir de 96 d.C. (Jones, 1966, p. 73). Dentro da classificação elaborada por Ziegler, este tratado insere-se na categoria dos “Escritos retórico-epidíticos” (Dierhetorisch-epideiktischen

Schriften) (Ziegler, 1951, col. 719). Com esta classificação, o filólogo alemão também insere Plutarco no contexto literário imperial onde a retórica epidítica, que tem como temáticas o elogio e a censura, a virtude e o vício, é um elemento marcante de sua produção literária, embora este tratado traga ideias que nos remetam à filosofia popular helenística (Idem, col. 720). Neste tratado inacabado, Plutarco traz ao leitor uma rápida reflexão sobre como as paixões atuam no corpo e na alma de um indivíduo. O fio condutor deste escrito está na indagação sobre se as paixões da alma são piores que as do corpo. Ao responder esta questão, Plutarco revela seu conhecimento de obras filosóficas que trataram das paixões humanas, dentre as quais se destacam as de Platão e Aristóteles.

Sob o ponto de vista de Plutarco, a percepção e o controle das paixões estão diretamente relacionados à sorte e aos vícios de um indivíduo:

εἰς ἰδίων κακῶν ἀγῶνα σῶμα καὶ ψυχὴν διαιροῦντες, οὐκ ἀχρήστως ἀλλὰ καὶ πάνυ δεόντως, ἵνα μάθωμεν πότερον διὰ τὴν τύχην ἢ δι' ἑαυτοὺς ἀθλιώτερον ζῶμεν.

separemos então o corpo e a alma em uma disputa de seus males particulares, o que não será de modo algum inútil, mas sim muito necessário, a fim de que compreendamos se vivemos do modo mais infeliz por causa da nossa sorte ou por nós mesmos. (PLUTARCO, **Se as paixões da alma são piores que as do corpo**, 500C)

A sorte (τύχη/*týchē*) aparece como um elemento determinante para a existência das paixões (πάθη/*páthē*) que acometem o corpo (σῶμα/*sōma*) em forma de doenças (νοσήματα/*nosēmata*), por isso não podemos determinar se teremos um corpo são, ainda que tenhamos um modo de vida saudável. Ao escrever “por nós mesmos” (δι' ἑαυτοῦς/*di'heautoús*), Plutarco atribui a nós mesmos a responsabilidade pelas paixões que acometem a alma (ψυχὴ/*psykhē*). As paixões da alma estão diretamente relacionadas à formação de um indivíduo, e outras palavras, o controle dos seus vícios depende da sua paideia. E logo nosso autor esclarece seu raciocínio:

νόσος μὲν γὰρ ἐν σώματι φύεται διὰ τύχην, κακία δὲ καὶ μοχθηρία περὶ ψυχὴν ἔργον ἐστὶ πρῶτον εἶτα πάθος αὐτῆς.

Pois uma doença nasce no corpo por causa da sorte, mas o vício e a depravação são a primeira obra da alma, depois uma paixão dela. (PLUTARCO, **Se as paixões da alma são piores que as do corpo**, 500C)

Esta divisão entre as paixões da alma e as do corpo atua como propedêutica ao seu discurso sobre a responsabilidade humana pelos vícios que cultiva e o consequente adoecimento de sua alma. Ao corpo, que é algo definido pela sorte

que nos coube, concedemos cuidados médicos, um tratamento externo. Enquanto à alma, como se fosse o espelho de nossa virtude, depende apenas dos cuidados filosóficos que lhe concedemos, da nossa busca pela virtude, de um tratamento interno. As paixões do corpo aparecem como doenças perturbadoras da ordem física, por isso são perceptíveis pelo raciocínio lógico, mas as da alma, que estão relacionadas aos vícios cultivados, estas são invisíveis à maioria:

τῶν μὲν γὰρ περὶ τὸ σῶμα νοσημάτων ἐρρωμένος ὁ λογισμὸς αἰσθάνεται, τοῖς δὲ τῆς ψυχῆς συννοσῶν αὐτὸς οὐκ ἔχει κρίσιν ἐν οἷς πάσχει, πάσχει γὰρ ὧ κρίνει· καὶ δεῖ τῶν ψυχικῶν πρῶτον καὶ μέγιστον ἀριθμεῖν τὴν ἄνοιαν, δι' ἧς ἀνήκεστος ἡ κακία τοῖς πολλοῖς συνοικεῖ καὶ συγκαταβιοῖ καὶ συναποθνήσκει.

Pois, dentre as doenças que são próprias do corpo, o raciocínio lógico, mesmo enfraquecida, percebe-as, enquanto as que são da alma, embora doente, porque ela mesma não têm o discernimento de que sofre com isso, pois sofre com o que julga; e devemos contar como o primeiro e o maior dos males anímicos a ignorância, por meio da qual, o vício é incurável para a maioria que com ele convive, passa a vida e morre. (PLUTARCO, **Se as paixões da alma são piores que as do corpo**, 500E-F)

O raciocínio lógico (λογισμός/*logismós*) neste texto aparece como algo intrínseco à condição humana, capaz de identificar alterações no corpo, e as alterações da alma são afetadas pela ignorância (ἄνοια/*ánoia*) que debilita sua capacidade de raciocinar sobre o seu real estado. A nosso ver, essa relação entre o raciocínio lógico e o funcionamento do corpo revela a visão de Plutarco sobre a organicidade do corpo humano, que se autorregula e é capaz de perceber qual de seus órgãos não está exercendo sua função a partir de uma experiência concreta: a doença. A materialidade da ocorrência permite ao paciente sentir e refletir sobre o que lhe acomete, dado que se opõe à ignorância das paixões da alma.

Tal ignorância também pode ser interpretada como uma disposição da alma ou falta de inteligência que somente a filosofia é capaz de tratar, pois desconhecer o mal que lhe afeta é “o que acontece com as todas paixões anímicas.” · (ὁ τοῖς ψυχικοῖς πάθεισι πᾶσι συμβέβηκεν/*hó toîs psykhhikoîs páthesi pâsi symbébebēken*) (501A). Então, logo surgem duas perguntas: quais são as paixões que acometem a alma? E quem é o mais indicado a curá-las? Apesar de Plutarco não responder de modo sistemático a essas perguntas, temos alguns indícios a partir desta afirmação:

Pois ninguém chama febre de saúde, nem tísica de boa saúde, nem podagra de rapidez dos pés, nem palidez de rubor, mas

impetuosidade muitos chamam de coragem, amor erótico de amizade, inveja de emulação e covardia de segurança. Nessas condições, uns chamam os médicos (pois percebem o que necessitam para o que lhes adoecem), e outros escapam dos filósofos, pois pensam que se acham nessas circunstâncias porque cometeram erros. (PLUTARCO, **Se as paixões da alma são piores que as do corpo**, 501A-B)

3 Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva (2016).

Com essas considerações, nosso autor atribui ao médico a função de curar as paixões do corpo que são as doenças e ao filósofo o tratamento das paixões anímicas. Plutarco nos mostra ainda as confusões que a ignorância gera na interpretação dos vícios que acometem a alma, pois o acometido confunde o vício com a virtude, a impetuosidade com a coragem, por exemplo. Essa perda da percepção que o vício causa é assim interpretada por Plutarco em outro tratado:

ἡ δὲ κακία καὶ τὰ λαμπρὰ φαινόμενα καὶ πολυτελῆ καὶ σεμνὰ
μιγνυμένη λυπηρὰ καὶ ναυτιώδη καὶ δυσπρόσδεκτα
o vício mostra as coisas como se fossem brilhantes, suntuosas,
notáveis, mas misturado com coisas dolorosas, nauseantes e
incômodas (PLUTARCO, **Da virtude e do vício**, 100D-E)³

No entender de Plutarco, o vício é algo que turva o entendimento do indivíduo por gerar um tipo de ilusão prazerosa que somente pode ser interrompida com o aprendizado da filosofia:

τοιαύτην ὁ λόγος ἐμποιεῖ τῇ ψυχῇ διάθεσιν. αὐτάρκης ἔσῃ, ἂν
μάθῃς τί τὸ καλὸν κάγαθόν ἐστι. τρυφήσεις ἐν πενίᾳ καὶ βασιλεύσεις
καὶ τὸν ἀπράγμονα βίον καὶ ιδιώτην οὐδὲν ἤττον ἀγαπήσεις ἢ
τὸν ἐπὶ στρατηγίαις καὶ ἡγεμονίαις· οὐ βιώσῃ φιλοσοφήσας ἀηδῶς,
ἀλλὰ πανταχοῦ ζῆν ἡδέως μαθήσῃ καὶ ἀπὸ πάντων.

A razão incute na alma tal disposição. Serás independente se aprenderes o que é belo e bom; serás voluptuoso na pobreza e viverás como rei, e desejarás uma vida sem trabalho e particular não menos que uma vida de estratégias militares e cargos políticos; se não vives sem o prazer de filosofar, por toda parte viverás e aprenderás com prazer, e de tudo; (PLUTARCO, **Da virtude e do vício**, 101D-E)

Então percebemos que Plutarco entende que, por um lado, a alma é controlada pela razão (λόγος/lógos) no sentido de uma lógica anímica fundamentada na virtude, por outro, o corpo é regido pelo raciocínio lógico (λογισμός/logismós) no sen-

tido da capacidade humana de raciocinar dentro de uma lógica física que controla o funcionamento do corpo como um organismo. Convém apontar que nosso autor não se preocupa tanto com as paixões do corpo por serem elas produto da sorte e assunto dos médicos, mas detém-se às paixões da alma, que dependem de uma formação filosófica, por isso são o centro de sua breve reflexão:

οἱ δ' ἐν τοῖς ψυχικοῖς πάθεσιν ὄντες τότε μάλιστα πράττουσι, τόθ' ἤκισθ' ἡσυχάζουσιν. αἱ γὰρ ὀρμαὶ τῶν πράξεων ἀρχαί, τὰ δὲ πάθη σφοδρότητες ὀρμῶν· διὸ τὴν ψυχὴν ἡρεμεῖν οὐκ ἐῴσιν, ἀλλ' ὅτε μάλιστα δεῖται μονῆς καὶ σιωπῆς καὶ ὑποστολῆς ὁ ἄνθρωπος, τότε αὐτὸν εἰς ὑπαιθρον ἔλκουσι, τότε ἀποκαλύπτουσιν οἱ θυμοὶ αἱ φιλονεικίαι οἱ ἔρωτες αἱ λύπαι, πολλὰ καὶ δρᾶν ἄνομα καὶ λαλεῖν ἀνάρμοστα τοῖς καιροῖς ἀναγκαζόμενον.

os que têm paixões anímicas, ora são mais ativos, ora estão menos tranquilos. Pois os impulsos são os princípios das ações e as paixões são violentos impulsos; por isso não permitem que a alma fique tranquila, mas quando o homem mais precisa ficar sozinho, silente e retraído, nesse momento, eles o arrastam para a exposição ao ar livre, então ficam descobertos as animosidades, as rivalidades, os amores intensos e as dores, muitas vezes, também agem contra a lei e são impelidos a tagarelar coisas inadequadas às circunstâncias presentes. (PLUTARCO, **Se as paixões da alma são piores que as do corpo**, 501C-D)

Sob essa perturbação da razão, que destitui o indivíduo da sua capacidade de raciocínio lógico em função das paixões que o dominam, o pensamento de Plutarco também se assemelha ao expresso por Aristóteles, conforme lemos a seguir:

ἔστι δὲ τὰ πάθη δι' ὅσα μεταβάλλοντες διαφέρουσι πρὸς τὰς κρίσεις οἷς ἔπεται λύπη καὶ ἡδονή, οἷον ὀργὴ ἔλεος φόβος καὶ ὅσα ἄλλα τοιαῦτα, καὶ τὰ τούτοις ἐναντία.

As paixões são todos aqueles sentimentos que, causando mudanças nas pessoas, fazem variar seus julgamentos, e são seguidos de tristeza e prazer, como a cólera, a piedade, o temor e todas as outras paixões análogas, assim como seus contrários. (ARISTÓTELES, **Retórica**, 1378A19-22)⁴

Ambos pensam as paixões como perturbadoras do pensamento e antagônicas à razão, o que provoca a perda do conhecimento de si mesmo e a conseqüente perda do controle de si próprio, e com isso, Plutarco também dialoga com estas afirmações de Platão:

4 Tradução de Isis Borges B. da Fonseca (2000).

Κόσμος πού τις, ἦν δ' ἐγώ, ἡ σωφροσύνη ἐστὶν καὶ ἡδονῶν τινων καὶ ἐπιθυμιῶν ἐγκράτεια, ὡς φασὶ κρείττω δὴ αὐτοῦ ἀποφαινόντες οὐκ οἶδ' ὄντινα τρόπον [...]

Ἄλλ', ἦν δ' ἐγώ, φαίνεται μοι βούλεσθαι λέγειν οὗτος ὁ λόγος ὡς τι ἐν αὐτῷ τῷ ἀνθρώπῳ περὶ τὴν ψυχὴν τὸ μὲν βέλτιον ἐνι, τὸ δὲ χεῖρον, καὶ ὅταν μὲν τὸ βέλτιον φύσει τοῦ χείρονος ἐγκρατὲς ᾖ, τοῦτο λέγειν τὸ <κρείττω αὐτοῦ> – ἐπαινεῖ γοῦν – ὅταν δὲ ὑπὸ τροφῆς κακῆς ἢ τινος ὁμιλίας κρατηθῇ ὑπὸ πλήθους τοῦ χείρονος μικρότερον τὸ βέλτιον ὄν, τοῦτο δὲ ὡς ἐν ὀνειδίει ψέγειν τε καὶ καλεῖν ἤττω ἑαυτοῦ καὶ ἀκόλαστον τὸν οὕτω διακείμενον.

– A temperança é uma espécie de ordenação e ainda o domínio de certos prazeres e desejos, como quando dizem, não entendo bem de que maneira “ser senhor de si” [...]

– Mas esta expressão parece-me significar que na alma do homem há como que uma parte melhor e outra pior; quando a melhor por natureza domina a pior, chama-se a isso “senhor de si” – o que é um elogio, sem dúvida; porém, quando devido a uma má educação ou companhia, a parte melhor, sendo mais pequena, é dominada pela superabundância da pior, a tal expressão censura o facto como coisa vergonhosa, e chama ao homem que se encontra nessa situação de escravo de si mesmo e libertino” (PLATÃO, **República**, 430E - 431B)⁵

Embora Plutarco não divida a alma como o proposto acima, ele identifica a capacidade da alma conter o bem e o mal. A contenção da parte má da alma ocorre por meio do aprendizado da filosofia, por meio da qual é possível alcançar a virtude. Neste ponto há a concordância com Platão quando este afirma que a alma é naturalmente boa e que deve ser educada para que não desenvolva o seu pior lado, o que se afeiçoa aos vícios. Convém anotar que Plutarco ainda reproduz o pensamento platônico ao refletir sobre a inconstância e as alterações no pensamento de quem sofre com as paixões anímicas.

A TRADUÇÃO

ΠΟΤΕΡΟΝ ΤΑ ΨΥΧΗΣ ἢ ΤΑ ΣΩΜΑΤΟΣ
ΠΑΘΗ ΧΕΙΡΟΝΑ⁶

SE AS PAIXÕES DA ALMA SÃO PIORES
QUE AS DO CORPO

1.500B Ὅμηρος μὲν ἐπιβλέψας τὰ θνητὰ
τῶν ζώων γένη καὶ πρὸς ἄλληλα

1.500B Homero, após observar as
espécies mortais dentre os animais os

⁵ Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira (1993).

⁶ Tradução a partir da edição Plutarchi moralia. *Animine an corporis affectiones sint peiores*. Ed. M. Pohlenz, vol. 3. Leipzig: Teubner, 1972.

συγκρίνας κατὰ τοὺς βίους καὶ τὰς
δαιτήσεις ἐξεφώνησεν ὡς οὐδέν ἐστιν

ἰζυρώτερον ἀνδρός, πάντων ὅσα τε γαῖαν
ἐπι πνείει τε καὶ ἔρπει' (P 446),

πρωτεῖον οὐκ εὐτυχῆς εἰς κακῶν
ὑπεροχὴν ἀποδιδούς τῷ

500C ἀνθρώπων· ἡμεῖς δ' ὥσπερ ἤδη
νικῶντα κακοδαιμονία τὸν ἀνθρωπον
καὶ τῶν ἄλλων ἀθλιώτατον ζῶων
ἀνηγορευμένον αὐτὸν αὐτῷ συγκρίνωμεν,
εἰς ἰδίων κακῶν ἀγῶνα σῶμα καὶ ψυχὴν
διαιροῦντες, οὐκ ἀχρήστως ἀλλὰ καὶ
πάννυ δεόντως, ἵνα μάθωμεν πότερον
διὰ τὴν τύχην ἢ δι' ἑαυτοὺς ἀθλιώτερον
ζῶμεν. νόσος μὲν γὰρ ἐν σώματι φύεται
διὰ τύχην, κακία δὲ καὶ μοχθηρία περὶ
ψυχὴν ἔργον ἐστὶ πρῶτον εἶτα πάθος
αὐτῆς. οὐ μικρὸν δὲ πρὸς εὐθυμίαν
ὄφελος, ἂν ἰάσιμον ἢ τὸ χεῖρον^{***} καὶ
κουφότερον καὶ ἄσφυκτον.

2. Ἡ μὲν οὖν Αἰσώπειος ἀλώπηξ (fab.
42) περὶ ποικιλίας δικαζομένη πρὸς τὴν
πάρδαλιν, ὡς ἐκείνη τὸ

500D σῶμα καὶ τὴν ἐπιφάνειαν εὐανθη
καὶ κατάστικτον ἐπεδείξατο, τῆς δ' ἦν
τὸ ξανθὸν ἀχμηρὸν καὶ οὐχ ἡδὺ
προσιδεῖν, ἀλλ' ἐμοῦ τοι τὸ ἐντός' ἔφη
'σκοπῶν, ὦ δικαστά, ποικιλωτέραν με
τῆσδ' ὄψει', δηλοῦσα τὴν περὶ τὸ ἦθος

animais e comparar umas às outras,
conforme seus modos de vida e seus
hábitos, exclamou que nada era

*mais miserável que o homem dentre todos
quantos sobre a terra respiram e se arrastam,*⁷

e concede ao homem, por seu excesso
de males, a primazia de não ter

500C boa sorte; e nós nos comparemos
ao homem consigo mesmo, já reco-
nhecendo-o como vencedor em infe-
licidade e o mais infeliz dentre os de-
mais animais; separemos então o corpo
e a alma em uma disputa de seus ma-
les particulares, o que não será de modo
algum inútil, mas sim muito necessá-
rio, a fim de que compreendamos se
vivemos do modo mais infeliz por cau-
sa da nossa sorte ou por nós mesmos.
Pois uma doença nasce no corpo por
causa da sorte, mas o vício e a depra-
vação são a primeira obra da alma, de-
pois uma paixão dela. E é uma ajuda
que não é pequena para a sua tranqui-
lidade, sempre que o pior for curável^{***8},
mais leve e moderado.

2. Então, porque a raposa⁹ de Esopo es-
tava em litígio com uma pantera por seu
aspecto multicolorido, quando aquela

500D mostrou-lhe o seu corpo de apa-
rência florida e malhada, enquanto o
dela era amarelo esquelético e não era
agradável de ver, a raposa disse: “mas
se examinares o meu interior, ó juiz,
verás que sou mais colorida que esta”¹⁰,

7 Homero. *Ilíada*, XVII, vv. 446-447. É
interessante notar o contraponto com
Sófocles, em sua peça *Antígona*, nos
versos 332-333: “Πολλὰ τὰ δεινὰ κούδεν
ἀν-/θρώπου δεινότερον πέλει·”, isto é,
“Muitos são os espantos e nenhum/ é
mais espantos que o ser humano”.

8 Pequena lacuna no manuscrito.

9 A fábula esópica conta: “Raposa e
pantera discutiam para ver qual das
duas era a mais bela. E, como a
pantera mencionava a todo instante o
colorido mosqueado de seu corpo, a
raposa retrucou: “E eu, então? Quanto
não sou mais bela que você, eu, que
tenho esse colorido não no corpo, mas
na alma?”. A moral da fábula: “A fábula
mostra que superior à beleza do corpo
é o adorno da inteligência” (325). In:
Esopo. Tradução de Maria Celeste
Consolin Dezotti. *Fábulas Completas*.
São Paulo: Cosac & Naify, 2013. E
Plutarco retomar esta fábula em outro
tratado: “Aliás, parece-me inclusive
que não te recordas sequer da raposa
da tua fábula. Com efeito, disputando
ela com um leopardo sobre quem
teria um aspecto mais variegado,
pediu ao juiz para ter em linha de
conta o seu interior. (**Banquete dos
Sete Sábios**, 155B). In: Plutarco. *O
banquete dos Sete Sábios*. Tradução
do grego, introdução e notas de
Delfim F. Leão. Coimbra: Editora da
Universidade de Coimbra, 2008.

10 Adaptação dos versos de um poeta
desconhecido. Diehl, *Anthologia
Lyrica Graeca*, III, Teubner, 1923, fr. 7.

εὐτροπίαν ἐπὶ πολλὰ ταῖς χρεῖαις ἀμειβομένην· † λέγομεν οὖν ἐν ἡμῖν, ὅτι πολλὰ μὲν, ὡς ἄνθρωπε, σοῦ καὶ τὸ σῶμα νοσήματα καὶ πάθη φύσει τ' ἀνίησιν ἐξ ἑαυτοῦ καὶ προσπίπτοντα δέχεται θύραθεν· ἂν δὲ σαυτὸν ἀνοιξῆς ἐνδοθεν, ποικίλον τι καὶ πολυπαθὲς κακῶν ταμειῖον εὐρήσεις καὶ θησαύρισμα, ὡς φησι Δημόκριτος (B 149), οὐκ ἔξωθεν

500E ἐπιρρεόντων, ἀλλ' ὥσπερ ἐγγείους καὶ αὐτόχθονας πηγὰς ἐχόντων, ἅς ἀνίησιν ἢ κακία πολύχυτος καὶ δαψιλῆς οὔσα τοῖς πάθεσιν. εἰ δὲ τὰ μὲν ἐν σαρκὶ νοσήματα σφυγμοῖς καὶ ὡχραῖς [ἐρυθθαινόμενα] φωρᾶται καὶ θερμότητες αὐτὰ καὶ πόνοι προπετεῖς ἐλέγχουσι, τὰ δ' ἐν ψυχῇ λανθάνει τοὺς πολλοὺς κακὰ ὄντα, διὰ τοῦτ' ἐστὶ κακίω, προσαφαιρούμενα τὴν τοῦ πάσχοντος αἴσθησιν. τῶν μὲν γὰρ περὶ τὸ σῶμα νοσημάτων ἐρρωμένος ὁ λογισμὸς αἰσθάνεται, τοῖς δὲ τῆς ψυχῆς συννοσῶν αὐτὸς οὐκ ἔχει κρίσιν ἐν οἷς πάσχει, πάσχει γὰρ ὧς κρίνει· καὶ δεῖ τῶν ψυχικῶν πρῶτον καὶ μέγιστον ἀριθμεῖν τὴν ἄνοιαν, δι'

500F ἥς ἀνήκεστος ἢ κακία τοῖς πολλοῖς συνοικεῖ καὶ συγκαταβιοῖ καὶ συναποθνήσκει. ἀρχὴ γὰρ ἀπαλλαγῆς νόσου μὲν αἴσθησις εἰς χρεῖαν ἄγουσα τοῦ βοηθοῦντος τὸ πάσχον· ὁ δ' ἀπιστία τοῦ νοσεῖν οὐκ εἰδῶς ὧν δεῖται, καὶ παρῆ τὸ θεραπεῦον, ἀρνεῖται. καὶ γὰρ

e mostrava a versatilidade do seu caráter que mudava muitas vezes por suas necessidades; portanto, falamos no nosso lugar que, o homem, teu corpo produz por natureza muitas doenças e paixões em si mesmo e recebes as que vêm de fora; mas se te abrires de dentro para fora, encontrarás um celeiro colorido e múltiplas sensações de males, como diz Demócrito, que não afluem

500E de fora, mas, tal como fontes subterrâneas e das mesmas regiões, os que o vício produz transbordante e generoso com as paixões. E se as doenças existentes na carne geram vermelhidões com latejamentos e peles pálidas, os calores e as dores precipitadas os comprovam, os vícios na alma passam despercebidos à maioria, por isso são os piores, porque estão desprovidos da percepção do sofrimento. Pois, dentre as doenças que são próprias do corpo, o raciocínio lógico, mesmo enfraquecida, percebe-as, enquanto as que são da alma, embora doente, porque ela mesma não têm o discernimento de que sofre com isso, pois sofre com o que julga; e devemos contar como o primeiro e o maior dos males anímicos: a ignorância, por meio

500F da qual, o vício é incurável para a maioria que com ele convive, passa a vida e morre. Pois o princípio da libertação é a percepção da doença que leva algo útil ao sofrimento pelo que a ajuda; e quem, pela descrença da doença não sabe que necessita disso,

τῶν περὶ τὸ σῶμα νοσημά-

501A των | τὰ μετ' ἀναισθησίας χείρονα, λήθαργοι κεφαλαλγίαι ἐπιληψίαι [πυρετοί] αὐτοί τε πυρετοί, <οἱ> συντείναντες εἰς παρακοπήν τὸ φλεγμαῖνον καὶ τὴν αἴσθησιν ὥσπερ ἐν ὀργάνῳ διαταράξαντες

'κινούσι χορδὰς τὰς ἀκινήτους φρενῶν' (Tr. ad. 361).

3. διὸ παῖδες ἰατρῶν βούλονται μὲν μὴ νοσεῖν τὸν ἄνθρωπον, νοσοῦντα δὲ μὴ ἄγνοεῖν ὅτι νοσεῖ· ὁ τοῖς ψυχικοῖς πάθεισι πᾶσι συμβέβηκεν. οὔτε γὰρ ἀφραίνοντες οὔτ' ἀσελγαίνοντες οὔτ' ἀδικοπραγοῦντες ἀμαρτάνειν δοκοῦσιν, ἀλλ' ἔνιοι καὶ κατορθοῦν. πυρετὸν μὲν γὰρ οὐδεὶς ὑγίειαν ὠνόμασεν οὐδὲ φθίσιν εὐεξίαν οὐδὲ ποδάγραν

501B ποδώκειαν οὐδ' ὠχρίασιν ἐρύθημα, θυμὸν δὲ πολλοὶ καλοῦσιν ἀνδρείαν καὶ ἔρωτα φιλίαν καὶ φθόνον ἄμιλλαν καὶ δειλίαν ἀσφάλειαν. εἶθ' οἱ μὲν καλοῦσι τοὺς ἰατροὺς (αἰσθάνονται γὰρ ὧν δέονται πρὸς ἅ νοσοῦσιν), οἱ δὲ φεύγουσι τοὺς φιλοσόφους, οἶονται γὰρ ἐπιτυγχάνειν ἐν οἷς διαμαρτάνουσιν. ἐπεὶ τούτῳ γε τῷ λόγῳ χρώμενοι λέγομεν, ὅτι κουφότερόν ἐστιν ὀφθαλμία μανίας καὶ ποδάγρα φρενίτιδος· ὁ μὲν αἰσθάνεται καὶ καλεῖ τὸν ἰατρὸν κεκραγώς, καὶ παρόντι τὴν ὄψιν ἀλείψαι τὴν φλέβα τεμεῖν [τὴν κεφαλὴν]

mesmo que a cura esteja ao seu lado, ele a recusa. De fato, dentre as doenças que são próprias do corpo,

501A as piores são as acompanhadas da perda da percepção, como as letargias, as cefaleias, epilepsias febris e as próprias febres, que avivam a inflamação para a demência e perturbam a percepção, tal como em um instrumento,

“*movem as cordas¹¹ imóveis do ânimo¹²*”

3. Por isso, os médicos querem que o homem não adoeça, mas se adoecer, que não ignore que está doente; o que acontece com as todas paixões anímicas. Pois pensam que não erram nem quando são insensatos, nem insolentes, nem quando cometem injustiças, mas alguns pensam que estão corretos. Pois ninguém chama febre de saúde, nem tísica de boa saúde, nem podagra¹⁴

501B de rapidez dos pés, nem palidez de rubor, mas impetuosidade muitos chamam de coragem, amor erótico de amizade, inveja de emulação e covardia de segurança¹⁵. Nessas condições, uns chamam os médicos (pois percebem o que necessitam para o que lhes adoecem), e outros escapam dos filósofos, pois pensam que se acham nessas circunstâncias porque cometeram erros. Uma vez que utilizamos esse argumento, afirmamos que oftalmia é mais leve que a loucura e a podagra que a demência; quem o percebe e chama o médico

11 Plutarco grafa χορδὰς (*khordás*) que, entre seus vários sentidos, significa “cordas de instrumento musical feitas com tripa”.

12 Nauck², TGF, 907, adesp 361. Plutarco cita este fragmento também em **Da audição**, 43D; **Da tagarelice**, 502D e **Assuntos de banquetes**, 657C.

13 παῖδες ἰατρῶν é uma expressão usada para denominar “os médicos”, uma adaptação de Homero, *Ilíada*, XXI, v. 151, onde o poeta canta: δυστήνων δέ τε παῖδες (*dystēnōn dé te paides*) para “infelizes”, que também já fora seguido por Heródoto, *Histórias*, I, 27 em que grafa: Λυδῶν παῖδας (*Lydōn paídas*) para “lídios” e Platão, em *Leis*, 769b, grafa: οἱ ζωγράφων παῖδες (*hoi zōgráphōn paides*) para “os pintores”.

14 ποδάγρα (*podágra*) é a doença que denominamos gota, seu significado literal é “armadilha que prende o animal pelo pé”.

15 Em **Das virtudes**, 449A-B, Plutarco afirma que alguns filósofos se articulam por meio de sofismas porque são sofistas.

παραδίδωσιν, τῆς δὲ μαινομένης Ἀγαύης

501C ἀκούεις ὑπὸ τοῦ πάθους τὰ φίλτατ'
ἡγνοηκυίας (Eur. Bacch. 1169).

ἄγομεν ἐξ ὄρεος
ἔλικά νεότομον ἐπὶ μέλαθρα,
μακάριον θήραμα.'

Καὶ γὰρ ὁ μὲν τῷ σώματι νοσῶν εὐθὺς
ἐνδοὺς καὶ καθεὶς ἑαυτὸν εἰς τὸ κλινίδιον
ἡσυχίαν ἄγει θεραπευόμενος, ἂν δέ που
μικρὸν ἐξάξῃ καὶ διασκιρτήσῃ τὸ σῶμα
φλεγμονῆς προσπεσούσης, εἰπὼν τις τῶν
παρακαθημένων πράως (Eur. Or. 258)

ἴμην', ὦ ταλαίπωρ', ἀτρέμα σοῖς ἐν
δεμνίοις'

ἐπέστησε καὶ κατέσχευεν· οἱ δ' ἐν τοῖς
ψυχικοῖς πάθεσιν ὄντες τότε μάλιστα
πράττουσι, τόθ' ἡκισθ' ἡσυχάζουσιν. αἱ
γὰρ ὄρμαι τῶν πράξεων ἀρχαί, τὰ δὲ
πάθη σφοδρό-

501D τῆτες ὄρμῶν· διὸ τὴν ψυχὴν ἡρεμεῖν
οὐκ ἔωσιν, ἀλλ' ὅτε μάλιστα δεῖται μονῆς
καὶ σιωπῆς καὶ ὑποστολῆς ὁ ἄνθρωπος,
τότ' αὐτὸν εἰς ὑπαιθρον ἔλκουσι, τότ'
ἀποκαλύπτουσι οἱ θυμοὶ αἱ φιλονεικίαι
οἱ ἔρωτες αἱ λῦπαι, πολλὰ καὶ δρᾶν
ἄνομα καὶ λαλεῖν ἀνάρμοστα τοῖς
καιροῖς ἀναγκαζόμενον.

aos gritos, e no momento em que ele
está presente, ele lhe passa um unguen-
to no olho, corta sua veia e examina sua
cabeça, e da enlouquecida Ἄgave

501C ouves que ela ignorava estar sob
a paixão pelo mais querido:

*Trazemos da montanha
um ramo recém cortado ao palácio,
bem-aventurada presa.¹⁶*

De fato, quem está doente no corpo
logo se entrega e se coloca no peque-
no leito¹⁷, e isso lhe traz tranquilidade
porque está sendo tratado, mas quan-
do se agita um pouco e salta, e o corpo
está com a inflamação instalada, se
alguém dentre os que estão sentados
ao seu lado, diz-lhe com gentileza:

*Ó miserável, não tremas teus membros
nos estrados!¹⁸*

Ele para e se contém; enquanto os que
têm paixões anímicas, ora são mais
ativos, ora estão menos tranquilos.
Pois os impulsos são os princípios das
ações e as paixões são violentos

501D impulsos¹⁹; por isso não permitem
que a alma fique tranquila, mas quan-
do o homem mais precisa ficar sozinho,
silente e retraído, nesse momento, eles
o arrastam para a exposição ao ar livre,
então ficam descobertos as animosi-
dades, as rivalidades, os amores inten-
sos e as dores, muitas vezes, também
agem contra a lei e são impelidos a ta-

16 Eurípides, *Bacantes*, v. 1169.

17 τὸ κλινίδιον (*tò klinídion*) é uma
espécie de leito portátil, provavelmente
o que os médicos usavam para
tratar seus pacientes, daí a tranqui-
lidade gerada ao doente que se entrega
à doença do corpo.

18 Eurípides, *Orestes*, v. 258. Plutarco
cita este verso também em *Da
tranquilidade da alma*, 456C.

19 Plutarco expressa seu pensamento
guiado pela filosofia estoica, encon-
tramos paralelo em Diógenes Laércio,
Vida e obras dos filósofos ilustres, VIII,
110 e Estobeu, *Écloga*, 7, 1, 39.

4. ὥσπερ οὖν ἐπισφαλέστερος χειμῶν τοῦ πλεῖν οὐκ ἐῶντος ὁ κωλύων καθορμίσασθαι, οὕτως οἱ κατὰ ψυχὴν χειμῶνες βαρύτεροι στείλασθαι τὸν ἄνθρωπον οὐκ ἐῶντες οὐδ' ἐπιστῆσαι τετραγμένον τὸν λογισμόν· ἀλλ' ἀκυβέρνητος καὶ ἀνερμάτιστος ἐν παραχῆ καὶ πλάνῃ δρόμοις λεχρίοις καὶ παραφόροις διατραχηλιζόμενος εἷς τι

501E ναυάγιον φοβερὸν ἐξέπεσε καὶ συνέτριψε τὸν ἑαυτοῦ βίον. ὥστε καὶ ταύτη χειρὸν νοσεῖν ταῖς ψυχαῖς ἢ τοῖς σώμασιν· τοῖς μὲν γὰρ πάσχειν μόνον τοῖς δὲ καὶ πάσχειν καὶ ποιεῖν κακῶς συμβέβηκε. Καὶ τί δεῖ τὰ πολλὰ λέγειν τῶν παθῶν; αὐτὸς ὁ καιρὸς ὑπόμνησίς ἐστιν· ὁρᾶτε τὸν πολὺν τοῦτον καὶ παμμιγῆ, τὸν ἐνταῦθα συνηραγμένον καὶ κυκώμενον ὄχλον περὶ τὸ βῆμα καὶ τὴν ἀγοράν; οὐ θύσοντες οὗτοι συνεληλύθασιν πατρίοις θεοῖς οὐδ' ὁμογνίων μεθέξοντες ἱερῶν ἀλλήλοις, οὐκ Ἄσκραίῳ Διὶ Λυδίων καρπῶν ἀπαρ-

501F χάς φέροντες οὐδὲ Διονύσω βεβακχευμένον θύσθλον ἱεραῖς νυξὶ καὶ κοινοῖς ὀργιάσοντες κώμοις· ἀλλ' ὥσπερ ἑτησίοις περιόδοις ἀκμὴ νοσήματος ἐκτραχύνουσα τὴν Ἀσίαν ἐπὶ δίκας καὶ ἀγῶνας ἐμπροθέσμους ἤκουσαν

garelar coisas inadequadas às circunstâncias presentes.

4. Portanto, tal como uma tempestade é mais perigosa quando é o impeditivo para atracar do que aquela que não permite navegar, assim as tempestades na alma são mais duras por não deixarem o homem se conter nem prestar atenção que se trata de um raciocínio confuso; mas sem piloto nem lastro, na confusão e na errância, com cursos enviados e desviantes, por ter se precipitado de cabeça,

501E cai em um naufrágio assustador e despedaça a sua própria vida. De modo que também por isso, é pior ter doença nas almas que nos corpos; pois acontece de aqueles sofrer no isolamento, enquanto os outros sofrer e fazer mal²⁰. E por que se deve falar sobre a maioria das paixões? Essa circunstância é uma oportunidade de lembrar; vede essa multidão completamente misturada, que se entrechoca aqui e a turba se agitando em volta da tribuna e da ágora? E não se reuniram para fazer sacrifícios aos deuses pátrios nem participar uns com os outros dos ritos familiares, não trazer as primícias dos frutos

501F lídios a Zeus Ascreu²¹, nem vem celebrar os mistérios báquicos com sacrifício em honra de Dioniso, nem celebrar ritos de mistérios e orgiásticos nas noites sagradas e nos cortejos públicos; mas, tal como uma doença agravada que atinge seu ápice em cer-

20 Afirmção similar aparece em Cícero, *Tusculanas*, III, 5, 10.

21 Zeus Ascreu era venerado em Halicarnasso, na Ásia Menor, conforme o relato de Apolodoro, *Histórias maravilhosas*, XIII. O epíteto Ascreu deriva de Ascra, na Beócia, terra natal do poeta Hesíodo.

tos períodos do ano na Ásia, que se apresenta aqui para ir a processos

502A ἐνταῦθα συμβάλλει καὶ πλῆθος | ὥσπερ ῥευμάτων ἀθρόον εἰς μίαν ἐμπέπτωκεν ἀγορὰν καὶ φλεγμαίνει καὶ συνέρρωγεν ὀλλύντων τε καὶ ὀλλυμένων (Δ 451). ποιῶν ταῦτα πυρετῶν ἔργα, ποιῶν ἠπιάλων; τίνες ἐνστάσεις ἢ παρεμπτώσεις ἢ δυσκρασία θερμῶν ἢ ὑπέρχυσις ὑγρῶν; ἂν ἐκάστην δίκην ὥσπερ ἄνθρωπον ἀνακρίνης πόθεν πέφυκε πόθεν ἦκει, τὴν μὲν θυμὸς αὐθάδης γεγέννηκε τὴν δὲ μανιώδης φιλονεικία τὴν δ' ἄδικος ἐπιθυμία ***

502A e disputas pontuais e datadas, tal como a junção das correntes, que se precipita para uma única ágora, que se inflama e se choca “como matadores e mortos”²². Quais são essas obras das febres e quais são as dos tremores? O que são, obstruções ou derrames²³, ou intempérie dos calores, ou excesso de humores? Se a cada processo o examina tal como a um homem, onde nasceu, de onde vem²⁴, a um foi engendrado ímpeto arrogante, e ao outro uma louca ambição e a outro um injusto desejo^{***25}

22 Homero, *Ilíada*, IV, v. 451.

23 Tópicos levantados em *Preceitos de saúde*, 129D.

24 Homero, *Odisseia*, III, v. 71 e IX, v. 252.

25 Manuscrito inacabado.

BIBLIOGRAFIA

EDIÇÕES E TRADUÇÕES

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Prefácio Michel Meyer. Introdução, notas e tradução do grego de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ESOPO. **Fábulas completas**. Tradução de Maria Celeste Consolin Dezotti. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

JONES, C. P. “Towards a Chronology of Plutarch's Works”. **The Journal of Roman Studies**, v. 56, p. 61-74, 1966.

PETRÔNIO. **Satíricon**. Tradução, estudo e notas de Cláudio Aquati. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

PLUTARCHUS. **Animine an corporis affectiones sint peiores**. Ed. M. Pohlenz, vol. 3. Leipzig: Teubner, 1972.

PLUTARCO. **Da virtude e do vício**. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. *Perspectivas – Revista do Colegiado de Filosofia da UFT*, v. 2, p. 101-109, 2016.

PLUTARCO. **O banquete dos Sete Sábios**. Tradução do grego, introdução e notas de Delfim F. Leão. Coimbra: Editora da Universidade de Coimbra, 2008.

ZIEGLER, K. “Plutarchos von Chaironeia”. **Paulys Real-Encyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft**. Stuttgart: Verlag, 1951.

Recebido em: 25/06/2019 | Aprovado em: 10/08/2019